

ENOBRECEDOR SABOR VENENO-VINGANÇA DE UMA MAQUIAVÉLICA ASSASSINA: ARQUÉTIPOS NO FEMININO DO ROMANCEIRO POPULAR À LUZ DA PSICOLOGIA JINGUIANA

ENNOBLING POISON-REVENGE FLAVOR OF A MACHIAVELLI MURDER: ARCHETYPES IN THE FEMALE OF POPULAR NOVELS IN THE LIGHT OF JUNGIAN PSYCHOLOGY

Israela Rana Araújo Lacerda¹
Amanda Ramalho de Freitas Brito²

Resumo: Sendo o inconsciente coletivo dito por Jung (2008) como tendências inatas construídas e transmitidas de geração a geração desde os primórdios da humanidade, observamos o valor exuberante das manifestações de cunho oral para formação tanto do consciente, como do inconsciente coletivo. Através disso, quando Paulino (2010) afirma que a cultura popular detém um caráter atemporal e construtor dos hábitos e costumes de uma sociedade, analisa-se, pois, que a psicologia junguiana pode a considerar como um dos elementos formuladores da *self* do ser. A partir dessas reflexões, uma manifestação dentro desse arsenal imaginário é a literatura de caráter oral, advinda de vivências e contações de histórias que, posteriormente, foram registradas como estratégia de preservação de tal memória. Uma delas, em específico, são os romances populares com gênese na tradição ibérica. Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar o romance *Veneno de Moriana* ou *El Veneno de Moriana* (1737) em uma das suas versões pioneiras no Brasil traduzida por Magalhães (1973), a partir de uma interpelação Junguiana, para observar o caráter promíscuo e vingativo de Juliana, protagonista do romance, através da categoria disposta pelo psicólogo como: arquétipo. Através dos dizeres teóricos de Belmonte (2020), Santos (2005), Jung (2008; 2011; 2016) entre outros.

Palavras-chaves: Literatura Oral; Psicologia Junguiana; Romanceiro Popular; Veneno de Moriana.

Abstract: *Being the collective unconscious said by Jung (2008) as innate tendencies built and transmitted from generation to generation since the dawn of humanity, we observe the exuberant value of oral manifestations for the formation of both the conscious and the collective unconscious. Through this, when Paulino (2010) states that popular culture has a timeless character and builder of the habits and customs of a society, it is analyzed, therefore, that Jungian psychology can consider it as one of the elements that formulate the self of being. From these reflections, a manifestation within this imaginary arsenal is oral literature, arising from experiences and storytelling that were later recorded as a strategy for preserving such memory. One of them, in particular, are the popular novels with origins in the Iberian tradition. Thus, this study aims to analyze the novel Veneno de Moriana or El Veneno de Moriana (1737) in one of its pioneering versions in Brazil translated by Magalhães (1973), from a Jungian interpellation, to observe the promiscuous and vindictive character of Juliana, protagonist of the novel, through the category arranged by the psychologist as: archetype. Through the theoretical sayings of Belmonte (2020), Santos (2005), Jung (2008; 2011; 2016) among others.*

Keywords: Oral Literature; Jungian Psychology; Popular Romance; Moriana's Poison.

¹ Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Literária GEAL/CNPq/UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa Christine de Pizan (CNPq/UFPB). E-mail: rannabasilio20@outlook.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura, Cinema e Críticas Contemporâneas (GELIC) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: amanda.ramalho@academico.ufpb.br.

Introdução

Atemporalidade, saberes e vivência de um povo. Isso caracteriza, fielmente, a oralidade popular dos romancieiros ibéricos. Datados a partir do século XII e XIII, com ênfase em terras portuguesas e espanholas através dos seus trovadores, o romanceiro popular é um gênero literário oral que conta as histórias de amor e cavalaria de uma época. Tais histórias são reverberadas, reproduzidas, (re)traduzidas, para que sejam disseminadas conforme a demanda social e o avanço das eras.

Essas obras populares carregam grandes aprendizagens e formas comportamentais de se viver em sociedade, pois é uma literatura que fala do povo para o povo, visto que são a partir delas e, no contato com elas, que os sujeitos enxergam o mundo. A partir da repetição de algumas posições, tipos de comportamento registrados por essas narrativas poéticas, por serem característica cultural de um período da humanidade, se adequam à lógica do Inconsciente Coletivo, conceito construído pelo psicólogo e psicanalista Carl Jung (2016). Para ele, tal construção é constituída pelos materiais que foram herdados das gerações passadas, logo, nesta parte psíquica, os traços funcionais e as imagens virtuais, são comuns a todos os seres humanos.

Sendo a literatura popular e o inconsciente coletivo tendo suas raízes no passado da humanidade, também tem sido compreendido como um arcabouço de arquétipos, ou seja, de elementos que emergem a partir das tendências inatas que fazem parte do inconsciente coletivo, cujas influências se expandem para além da psique humana e, podem, se administrar em ações práticas também.

É a partir dessa relação entre literatura popular e a psicologia analítica que vamos discutir alguns pontos a respeito do romance: *Veneno de Moriana*, *Juliana e Dom Jorge* ou *“El Veneno de Moriana”* (1737) em uma das suas versões pioneiras no Brasil traduzidas por Magalhães (1973), para observar como a pode eclodir emoções e ações pré-estabelecidas conforme o que lhe foi imposto pelo inconsciente coletivo. Dessa forma, este estudo tem como objeto analisar o romance a partir de uma interpelação Junguiana – em sua psicologia analítica, para observar o caráter promíscuo e vingativo de Juliana. Além disso, através dos dizeres teóricos de Cascudo (1984), Belmonte (2020), Santos (2005) que dissertaremos sobre a importância do romanceiro na oralidade popular. Se tratando de abordagens junguianas, utilizaremos o próprio Jung (2008; 2011; 2016), Kast (2019) entre outros. Assim, entoaremos a canção de *Moriana* e sua sucinta e vitoriosa vingança como um ser-mulher que ousa transgredir.

Jung e alguns apontamentos sobre a psicologia analítica

Para a psicologia Junguiana os seres são complexos, movidos por forças emocionais e instintivas que desconhecemos ou desconsideramos a fim de nos posicionar nos aspectos realistas da sociedade, ou seja, uma razão externa que demanda um ego ideal. Segundo Jung (2000), nossa psique possui matérias de origem pessoal e coletiva. Denominado inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, fruto de nossas experiências pessoais e estruturas predeterminadas presentes em cada indivíduo respectivamente. Ou seja, o IC são os instintos, os esquemas de pensamentos coletivos da mente humana também são inatos e herdados. E agem, quando necessário, mais ou menos da mesma forma em todos nós” (JUNG, 2016, p. 112). Ele ainda define, também, como: “a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade” (JUNG, 2016, p. 163).

No Inconsciente pessoal estão as vivências e repressões, no inconsciente coletivo estão as estruturas arquetípicas universais da humanidade. O inconsciente se manifesta através de símbolos que se expressam em forma de imagens arquetípicas, na qual há um símbolo que manifesta os conteúdos psíquicos do inconsciente coletivo. Essas imagens arquetípicas advêm de complexos, esses que segundo Jung (2016): “são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Com põem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. [...] Dos complexos depende o mal ou o bem-estar da vida do indivíduo” (JUNG, 2016, p. 30-31).

Esses complexos têm duas grandes intensidades de manifestação: identificação e a identidade. O primeiro é mais leve e o segundo mais intenso. A identificação ocorre quando imitamos um comportamento, ou seja, quando o ego se assemelha ao impulso, sendo mais poderosa a identidade é quando o ego assume a personalidade do outro não distinguindo como não pertencente a si. termina com o inconsciente coletivo. Além disso, os complexos reagem à sua própria lei, não à lei que foi estabelecida socialmente. Resumidamente, complexo são um conjunto de imagens ou ideias repletas de carga emotiva, possuindo como centro os arquétipos. Logo, os arquétipos moldam os complexos e vice-versa, em uma relação e fluxo contínuo dentro do que Jung (2008) chama de psique.

Há complexos que advêm de trauma e má experiências, esses têm como centro arquetípicos aqueles que esbanjam sentimento de escuridão, raiva, vingança e sofrimento. Em um de seus trabalhos Jung (2011) denomina tal arquétipo como Arquétipo da Medéia, devido à história

mítica ter criado um espectro de mulher vingativa, raivosa e melancólica, pois, para teoria junguiana “pode-se dizer que os arquétipos se apresentam sob a forma de mitos e esses são registros de um longo desenvolvimento psíquico coletivo.

Na perspectiva junguiana, o mito de Medeia simboliza o complexo nuclear da neurose. A ilustração dessa condição neurótica, por meio do mito de Medeia, conduz à reflexão sobre como sentimentos de amor, ódio, fúria e vingança, decorrentes de uma separação que podem dominar a psique e conduzir a comportamentos destrutivos. (SARMET, 2016, p.487)

Dessa forma, mito, inconsciente coletivo, complexos e arquétipos estão inter relacionados. Tal nomeação de “Arquétipo da Medeia” está intimamente ligada também, ao Arquétipo da Sombra - aquele que, conforme Jung (2016), esconde suas sensações e sentimentos: “aspectos ocultos, reprimidos e negativos (ou nefandos) da sua personalidade.” (JUNG, 2016, p. 182). Só que, de tal maneira, através do transbordamento dos complexos com a projeções, transgrede essa lógica arquetípica, assumindo até uma posição de persona - tendo atitudes raivosas e perversas de forma explícita, tornando o complexo consciente. Assim, consoante Kast (2019) o inconsciente coletivo pode ser acessado com base em imagens arquetípicas, pois esses “são entendidos como efeitos do inconsciente coletivo, como padrões fundamentais da vida, que atuam em todo indivíduo e por ele são sonhados, descritos e moldados; são a precondição da história da civilização”. (KAST, 2019, p. 44)

Então, quando um sujeito perpetua uma ação de raiva, após, por exemplo, uma mentira, uma contrariamente ou até traição, essas suas atitudes advêm de uma forma arquetípica preconizada pelo inconsciente coletivo que adentra no inconsciente pessoal do ser de diversas formas, uma delas seriam os complexos, que Jung (2016) chama de herança do inconsciente coletivo. Dessa forma, com os complexos instaurados, uma parte deles, a grande parte, é introjetada no inconsciente do ser, através do arquétipo da sombra, visto que tal imago como centro do inconsciente pessoal possui uma parte esquecida, desvalorizada, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis e contrárias aos padrões e ideais sociais.

Esse conteúdo reprimido pode vir à tona através das projeções, tudo que é nosso pode ser transferido ao outro se acionado por alguma situação externa (morte, traição, medo, alegria etc.). Esse retorno de forças destrutivas, dessa vez, viu sob forma ríspidas em busca do processo chamado por Jung (2016).

No processo de individuação como processo interno e subjetivo de integração, o indivíduo conhece cada vez mais aspectos em si e entra em contato com eles, unindo-os à imagem que tem de si mesmo, por exemplo com a retirada de projeções. O que foi esquecido pode ser integrado à vida, e dissociações podem ser suprimidas. O processo de individuação também é um processo interpessoal e intersubjetivo de relacionamento. (KAST, 2019, p. 92)

Isto é, onde o ser encontra sua verdadeira natureza que o torna diferente entre os outros uma singularidade mais íntima, incomparável, expressando sua verdadeira personalidade - seja boa ou ruim, repetindo, também, sua predisposição para o acionamento de várias características que lembram imagens arquetípicas, claro, a depender da situação.

Esses processos de entendimento dos sujeitos com seus movimentos da psique são de extrema importância para compreensão do funcionamento da sua própria personalidade, principalmente, do seu entendimento para com o mundo que o rodeia e o influencia. Após passarmos por alguns conceitos importantes da teoria junguiana como, inconsciente pessoal, coletivo, complexos, arquétipos e individuação, veremos como o imaginário popular se caracteriza nas vielas de Carl Jung (2016), visto que esse faz parte de um inconsciente coletivo da humanidade, para, posteriormente, analisarmos o *Veneno de Moriana*, romanceiro popular.

A épica do romanceiro e sua importante na cultura popular

O romanceiro é um gênero popular da península ibérica que irá migrar para outros lugares, através das descobertas e fixação de portugueses e espanhóis na América e na África e através da diáspora dos judeus, expulsos da Espanha pelos Reis Católicos e de Portugal, por Manuel, dentre outros fluxos. Essa narrativa tem cunho oral, ligado à tradição medieval, narrativas de heroísmo, aventuras e amor, em verso ou em prosa, cuja composição, temas e estruturas são particularmente construídas pela situação do cantador ou cantadora. Esses romances, desde o século XVI, foram coletados através da escrita e, a partir daí, eles vão se distinguir da “literatura erudita, pois, como são advindos da cultural oral popular - do e para o povo, era considerada o contrário do latim - gênero elitário da época, logo:

O termo romance surge em oposição a latim, do latim. O latim era a língua dos eruditos. O que não fosse latim era romance, portanto, pertencia ao povo, ao vulgo, que era iletrado [...] romance aparece nas comunidades ainda sem uma cultura escrita e podem ter relação com estas populações. Como um gênero literário, romance, sinônimo de romance, é uma narrativa cantada, declamada, construída em versos. (SANTOS, 2005, p. 57)

Com relação à estrutura, os romances são definidos quanto ao número de sílabas dos seus versos — sextilhas ou septilhas, ou ainda décimas. Os textos com versos de sete sílabas são os mais comuns na literatura popular no Nordeste do Brasil, mas os romances europeus têm uma estrutura de versos mais longos. Muitos desses romances são oriundos das epopeias medievais, com histórias remodeladas que lembram princesas, cavaleiros, palácios etc.

Com o advento do Romantismo, o Romanceiro foi redescoberto. Iniciou-se a pesquisa das memórias coletivas retomando a balada peninsular a sua dupla vertente: prosseguiu, por um lado, o seu natural percurso vivencial, de geração em geração, mas, por outro, começaram a florescer obras dedicadas à compilação de versões, fixando-as, com maior ou menor fidelidade, em letra impressa. Dessa forma, o Romanceiro é um gênero nascido ao sabor das mais variadas influências, que vai desde a poesia épica às baladas, passando pela fixação de sucessos históricos. Nesse sentido, encontramos nos seus versos as mais diversas construções temáticas, que mantêm o foco narrativo entre si e somente mudam a forma linguística conforme a época que é cantada. Assim, autores como Garret (2010), que era considerado erudito, recolhe e transcreve os textos, na verdade, ele reescreve, modifica e faz adaptações, isto é, recuperaram os romances no período do Romantismo para que eles adquirissem novos valores.

No entanto, cada novo/a narrador/narradora adequa o texto à situação, mantendo ou substituindo vocábulos. Creio que esta flexibilidade do romance — como dos outros tipos de textos da literatura oral — faz com que ele permaneça, visto que cada intérprete sente-se um pouco “autor” desta produção que, ao final, acaba por ser coletiva. Adequando o texto, o intérprete o torna aceito pela comunidade, de que é, em geral, participante e, portanto, conhecedor. (SANTOS, 2005, p. 70)

E é assim toda história do romanceiro, um texto que possui várias versões produzidas e que ainda serão construídas, pois Paulin (2010) já dizia que a cultura popular é atemporal e resiliente, atendendo a demanda da sociedade no qual vive.

Além de serem encenados nas pracinhas locais, em palcos armados em dias de festa, inscrevendo-se o romance, então, em outra categoria como o drama. “Suas histórias podem ser dos assuntos mais variados: heroísmo, morte, traição, peleja, separação, família, abandono, além de: “temática histórica, religiosa ou relatam acontecimentos da esfera privada, mas de caráter excepcional.” (BELMONTE, 2020, p. 38). Sendo assim, no âmbito social, o Romanceiro chega ao final do século XIX e começo do XX ainda associado a distintos vieses políticos, baseados em algum nível nas ideologias liberal e romântica do século XIX, que usaram o Romanceiro como prova da ancestralidade da nacionalidade e da língua portuguesa.

A partir daí, alguns romances mudaram os locais de fala dos personagens, a mulher que era subalterna ao marido começará a pensar como sujeito ativo. As narrativas ganharam teores político-sociais, a esfera privada de conflitos familiares serão, agora, conflitos também da coletividade. O romanceiro será, nas novas sociedades, uma ferramenta memorialística, para lembrar de um passado existente e valorizar a oralidade popular e social, para lutar por uma nova, sobretudo, quando falamos do lugar feminino nas narrativas construídas, todavia, isso será assunto para nossa análise a seguir.

Ela mata por ela, não por ele...

O romance *Juliana e Dom Jorge* ou *O veneno de Moriana* narra a história de uma mulher que, após ter sido namorada de Dom Jorge, é abandonada por este que se casará com outra. À mãe diz ter-lhe avisado de que ele não se casaria com ela. Dom Jorge volta à casa de Juliana, para informar-lhe do casamento com a outra e ela lhe oferece um cálice de vinho, que está envenenado; ele bebe e morre. Ao morrer ele diz que sua mãe pensava que tinha o filho vivo e Juliana responde que a dela pensava que ele se casaria com ela.

Foquemos, portanto, na personagem Juliana, descrita na versão escolhida. A priori é interessante ver a posição da mulher no romance, essa sempre é largada, vista como demoníaca, ou sujeita ao lar, além de ser imoral caso não supra as demandas sociais estabelecidas, a figura feminina sempre à margem do homem era comum em romances medievais, devido o grande poderio e dominação masculina imposta pela Igreja católica. Dessa maneira confirma o que Alvanita Santos (2005) afirma: “as determinações do papel destinado socialmente à mulher, porque ela aparece, em geral, com as mesmas funções sociais (mãe, esposa, filha, jovem casamenteira ou na idade de casar) ou nas mesmas situações (casada, solteira, abandonada).” (SANTOS, 2005, p. 118).

“Rei Dom Joca, me contaram
Que tu estavas pra casar?” (MAGALHÃES, 1973, p. 11)

Juliana é, então, a típica mulher abandonada nos romances. Entretanto, ao contrário da maioria dos romances, onde mulheres se resignam ao abandono, ‘Moriana’ ou Juliana, inverte a lógica. Ela adere, ao que Jung (2008) chama de fluxos contínuos da psique para acionar seu inconsciente coletivo e trazer suas personalidades arquetípicas à tona. Isto é:

O inconsciente coletivo pode ser acessado com base em imagens arquetípicas. Arquétipos são entendidos como efeitos do inconsciente coletivo, como padrões fundamentais da vida, que atuam em todo indivíduo e por ele são sonhados, descritos e moldados; são a precondição da história da civilização. (KAST, 2019, p. 44)

Ao adotar uma postura de mulher vingativa, egocêntrica e assassina, ela incorpora o que se denomina de Arquétipo da Medéia³, ou seja, aciona posições de mulheres que, antes dela, mataram pelo amor e pela não aceitação da rejeição. Logo, “na compreensão junguiana, a separação conjugal conflituosa pode ativar no indivíduo um complexo com o conteúdo mitológico de Medeia, rodeado por conteúdos de experiências pessoais” (SARMET, 2016, p.487)

Como isso é acionado em Juliana? Quando ela se enfurece ao ser hostilizada pelo Dom Jorge:

—Quem to disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.

*Rei Dom Joca, se casais
Tornai ao bem querer
, Poderás enviivar
E tornar ao meu poder.*

—*Eu ainda que enviive
E que torne enviivar,
Acho mais fácil morrer
Do que contigo casar.* (MAGALHÃESS, 1973, p. 11 grifo nosso)

Através da hostilização que ela sofre, algo na sua psique é acionada, que a leva a cometer atitudes vis contra a figura de Jorge, essa atitude pode representar a reverberação de um arquétipo, as características da sua sombra - seus sentimentos e desejos escondidos - emergem à consciência através de uma ‘persona Medeia’ ou arquétipo de Medéia:

Na perspectiva junguiana, pode-se entender que o mito de Medeia simboliza o complexo nuclear da neurose. A ilustração dessa condição neurótica, por meio do mito de Medeia, conduz à reflexão sobre como sentimentos de amor, ódio, fúria e vingança, decorrentes de uma separação, podem dominar a psique e conduzir a comportamentos destrutivos. (SARMET, 2016, p.487)

³ Jung, além dos seus clássicos arquétipos majoritários, também cria outros tipos arquetípicos suplementares com base em um comportamento humano repetido ao longo dos séculos. Logo, na história da humanidade, várias mulheres, mataram por amor, uma delas, é precursora, teria sido a Medéia, do mito grego, que mata os próprios filhos do seu marido, Jasão, devido este ter abandonando-a.

Para Jung (2011), um choque emocional pode produzir a sensação de perda de um pedaço da psique, independente do gênero de quem o sofre. A sensação de perda de um pedaço da própria psique, ou da própria alma, seria uma das origens dos chamados complexos. Nesse sentido, o ressentimento e o ódio pela perda do objeto amado podem conduzir o indivíduo à perversão do amor e ao desejo de aniquilar o outro, justificando, pois o ato final:

*Vou ver um copo de vinho
Que pra ti tenho guardado.*

—*Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade
.Veja que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
Que me deste, Juliana,
Neste copinho de vinho,
Que estou com a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?* (MAGALHÃES, 1973, p. 11).

Movida por sua fúria e pela projeção de um comportamento advindo do inconsciente coletivo - arquétipo citado anteriormente, Juliana mata Dom Jorge envenenado.

Destarte, todos os seres humanos têm emoções comparáveis, que não precisam ser evocadas de maneira consciente. Elas surgem de maneira inconsciente em situações determinadas e significativas do ponto de vista existencial: luto na separação ou perda; alegria quando algo sai melhor do que o esperado; irritação quando alguém invade nossos limites. Ao contrário dos que muitos pensam, Juliana, assim como a mulher que figura seu arquétipo, Medeia, não se arrependem da ação de matar alguém, pelo contrário, ironizam a morte do amado:

*A minha mãe bem cuidava
Que tinha seu filho vivo.*

*A minha também cuidava
Que tu casavas comigo.* (MAGALHÃES, 1973, p. 11 grifo nosso)

Jorge, em meio ao seu leito de morte, antes de deixar este mundo, fala que a mãe dele queria o filho vivo, Juliana, então, responde com sarcasmo dizendo que a sua queria que ele se casasse com ela. Tal fala da personagem representa muito mais que um teor vingativo, mas sim toda uma libertação feminina dos arquétipos sombrios e controladores que são impostos. Ao matar Jorge, ela não está somente fazendo isso por causa dele, mas, sobretudo, por causa dela.

Um processo simbólico no qual forças internas se apoderam do ego para reivindicar seu local de direito. Somos tomados por estes conteúdos inconscientes e não nos damos conta dos perigos de reprimirmos nossa autenticidade para vivermos em sociedade, uma atitude adquirida para nos adaptarmos aos aspectos exteriores. Tal fúria, quando aceita, pode nos conduzir a um caminho em direção à nossa essência, ao si mesmo

A morte de Jorge pode representar uma virada de chave para uma mulher docilizada, vivente da colonialidade do poder (Curiel, 2020), que subalterna as vontades femininas, para uma mulher que rompe com os comportamentos inconscientes que a humanidade deixou, inatamente, para ela. Seria então, um processo de individuação da personagem feminina vivente de uma realidade que lhe tira seus quereres: “O objetivo do processo de individuação é se tornar, ao longo da vida, cada vez mais aquele ou aquela que somos na verdade, cada vez mais autênticos, cada vez mais nós mesmos e em consonância conosco” (KAST, 2019, p.84).

Assim, Juliana torna-se realmente quem é após matar o homem que ama. Não casar significava ficar à margem. Assim, quando Juliana mata Dom Jorge, sua vingança reflete a importância atribuída ao fato de não ter conseguido casar (na Idade Média não havia a construção do amor). Não é por ele que Juliana mata, é por ela mesma.

—*Já acabou-se, já acabou-se,*
Ó flor de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquela moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se, (MAGALHÃES, 1973, p. 11 grifo nosso)

Quando tomo o romance para pensar nos temas que fazem parte do mundo das mulheres, observo que temas e motivos corroboram essa interpretação: além dos personagens centrais serem femininos. São as relações delas com suas mães; com o pai, cujo desejo incestuoso é um problema para a jovem; com o esposo, que depois de muito tempo longe, volta testando a fidelidade da esposa; com um noivo que abandona a jovem. Assim, ao matar Jorge, Juliana nega todo comportamento instaurado para ela socialmente, ela afronta à lógica da moça que fica sem se casar, que mata o homem que deveria possuí-la. No trecho acima, é representado o desespero, não de Juliana, mas de sua mãe, que teme o destino da filha como sendo solteira e, agora, assassina. Reverberando, pois, o “padrão da mulher sedutora, moralmente condenada por sua “má fama”, no caso, da mulher que se vinga, encontrando justificativa no abandono do noivo/namorado” (SANTOS 2005, p. 139). Ou somente se vinga.

Considerações Finais

Assim, Juliana, a partir do que chamamos de sombra, como centro do inconsciente pessoal, possui uma parte esquecida, desvalorizada, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis e contrárias aos padrões e ideais sociais que se manifestam através das projeções. Uma maneira com o qual nossos conteúdos internos tentam chegar ao consciente. As projeções ocorrem de forma que tudo aquilo que é dela é transferido no outro, pois é mais fácil esconder-se em acusações no próximo do que aceitar o que é desagradável, uma forma dos materiais inconscientes virem à tona.

A parte rejeitada retorna com uma força destrutiva em prol de um processo que Jung (2011; 2008; 2016) determinou processo de individuação, onde o ser encontra sua verdadeira natureza - a mulher que mata para se vingar do abandono - que o torna diferente entre os outros uma singularidade mais íntima, incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. A partir dessas diásporas: Inconsciente pessoal – sombra – projeções – individuação. Juliana torna-se transgressora como mulher.

Como também, adverte a lógica do patriarcado tão forte nas narrativas medievais, onde a mulher é tema de obras, mas nunca a ‘protagonista’ heroica de uma delas. Nesse contexto, é nessa interlocução de cultura popular como fator contribuinte do inconsciente coletivo, que sujeitos se constroem e, no caso de Moriana, se (re)constroem tanto psiquicamente como socialmente. Assim, Juliana mata por ela, pelo seu futuro como uma mulher que fora abandonada, em resposta a situação lástima que Jorge haveria de lhe deixar caso saísse ileso, mata em legítima defesa, defesa essa simbólica. Adere a lógica inovadora e sai de mero objeto para sujeito da ação na narrativa.

Referências

BELMONTE, C. B. *Subsídios para o arquivo do romanceiro no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNIVERSIDADE DO ALGARVE, Portugal, 2020.

GARRETT, J. B. A. *Romanceiro*. 1. ed. Edições Vercial: 2010.

JUNG, G. C. *O homem e seus símbolos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Colling Brasil, 2016

JUNG, G. C. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In: *Obras Completas de C. G. Jung*, Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, G. C. A natureza da psique. In: *Obras Completas de C. G. Jung*, 2 v. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, G. C. O eu e o inconsciente. In: *Obras Completas de C. G. Jung*, 2 v. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, G. C. *A Energia Psíquica*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KAST, V. *Jung e a psicologia profunda: um guia de orientação prática*. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAGALHÃES, C. C. *A Poesia Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1973.

PAULINO, T. Culturas Populares: Trajetórias Conceituais e Construções de Sentido. In: *Revista do GEPPIP – Ambivalências*. Pernambuco, v.3, n.6, p. 255-278, 2015.

SANTOS A. A. *O canto das mulheres — entre bailar e trabalhar: relações de gênero em narrativas orais (romances)*. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2005.

SARMET, Y. A. G. Os filhos de Medeia e a Síndrome da Alienação Parental. In: *Rev. Psicologia USP*, São Paulo, vol. 27, n. 3, p. 482-491, 2016.

Submetido em: 25.02.2023

Aceito para publicação em: 02.03.2023